

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

24 A 28 JUN

TROPA- FANDANGA



**UMA REVISTA À PORTUGUESA
DO TEATRO PRAGA**

© Susana Pomba

QUARTA A SÁBADO ÀS 21H; DOMINGO ÀS 17H30
SALA PRINCIPAL; M/12
€12 A €15 (COM DESCONTOS: €5 A €10,50)
DURAÇÃO: 3H (COM INTERVALO)

festalisboa'15

A estrutura cerrada do Teatro de Revista é utilizada pelo Teatro Praga para comemorar duas efemérides coincidentes e separadas por várias décadas: os 40 anos do fim da Guerra Colonial e os 100 anos do início da Primeira Guerra Mundial. Depois da estreia em 2014, no Teatro Nacional D. Maria II, o Teatro Praga repõe este espectáculo, obrigando-se a seguir o princípio de actualização permanente imposto pelo Teatro de Revista, de modo a estar mais próximo dos dias em que acontece. Apresentados nos teatros de feira de Paris, em princípios do Séc. XVIII, os primeiros espectáculos de revista consistiam numa revisão burlesca e caricada de acontecimentos e figuras que se tinham destacado nos doze meses anteriores. É este o modelo que se acha importado em Portugal, a partir dos anos 50 do século XIX. Da Regeneração de 1851 à Revolução de 1974, é possível seguir a par e passo, através de rábulas e canções, a trajectória de um país.

ABERTURA

Compère: André e. Teodósio
Zé Povinho: José Raposo
Restante elenco
Música
Mãos à Mão de Semear
Letra e música: Sérgio Godinho

GUERRA DOS MUNDOS

Zé Povinho: José Raposo
Mundo Antigo: Joana Manuel
Mundo Moderno: Joana Barrios
Soldado 31: André e. Teodósio
Restante elenco
Música
Fado das Trincheiras
do filme “João Ratão” (1940), de Jorge Brum do Canto
Letra: Felix Bermudes / João Bastos
Música: António Melo
Tourada
Letra: Ary dos Santos
Música: Fernando Tordo

A VIDA É BÉLICA

República: Cláudia Jardim
Soldado Bem: Diogo Lopes
Soldado Burro: João Duarte Costa
Soldado Desempregado:
Diogo Bento
Soldado Desconhecido:
André e. Teodósio
Música
Valentim
Letra: Teatro Praga
Música: cancionero popular

A GUERRA ENTRE ASPAS

Riso Antigo: Joana Manuel
Riso Moderno: Joana Barrios
Saul Rolnado: José Raposo
Texto
Ida à Guerra
estreado em Portugal por Raul Solnado na revista de 1961 *Bate o Pé*
Autor: Miguel Gila
Adaptação: Raul Solnado

FÁTIMA

Nossa Senhora de Fátima:
Filipa Cardoso
Francisco: Diogo Bento
Lúcia: Cláudia Jardim
Jacinta: Joana Barrios
São Zé: André e. Teodósio
Restante elenco
Música
Meu Portugal, Meu Amor
Letra: Luís Gordo
Música: Fontes Rocha
Fucklore de Fátima
inspirado na *Lição de Folclore*,
de Eduardo Damas, interpretado
por Herminia Sílvia
Fandango “Isto Vai ou Marcha”
cancioneiro popular
Vira da Nossa Senhora d’Agonia
cancioneiro popular
Malhão de Cinfães
cancioneiro popular
Fado dos Caracóis
cancioneiro popular
Impossible Birgisson, Wroldsen
Get Lucky Bangalter, Homem-
-Cristo, Williams, Rodgers
Formidable Stromae
Wrecking Ball Gottwald, MoZella,
Moccio, Skarbek, Walter
and McDonald
Harlem Shake Baauer

ALEGORIA DA TRINCHEIRA

Capitão Zé: José Raposo
Sócrates: Diogo Bento
Soldados: André e. Teodósio, Diogo Lopes, Joana Barrios, Cláudia Jardim, João Duarte Costa, Jenny Larrue, Vicente Trindade, André Garcia e Travis Walker
Música
Fado do Ganga
da Revista de 1916 *O Novo Mundo*;
Letra: Ernesto Rodrigues / Felix Bermudes / João Bastos
Música: Venceslau Pinto / Alves Coelho
Moment Musicale (c. 1909)
Isadora Duncan, dançado por Sylvania Gold (c. 1970), para a composição do mesmo nome de Franz Schubert, Op. 94 No. 3

PORTUGUESE APPAREL

Krise: Joana Barrios
Miga: Joana Manuel
Zé Milhões: José Raposo
Alemães: Cláudia Jardim
e Diogo Lopes
Pepa: João Duarte Costa
Mitra: Diogo Bento
M'Iher: Filipa Cardoso
Cátia: André e. Teodósio
Modelos: Jenny Larrue, Vicente
Trindade, André Garcia
e Travis Walker
Telão: Barbara says...

SODONA REVISTA

Revista: Cláudia Jardim
Andreca: João Duarte Costa
Pitóló: Diogo Lopes
Música
**Dueto dos Garotos “Rita
e Manecas”**
da Revista de 1925 *Rataplan*
Letra: Alberto Barbosa / Xavier
de Magalhães
Música: Raul Portela

FINAL

Música
Divulgar Se Vai ao Longe
Letra e música: Sérgio Godinho

INTERVALO

ABERTURA

Fadista: Filipa Cardoso
Restante elenco
Música
Tem o Seu Preço
Letra e música: Sérgio Godinho

ZÉ ESCRITOR

Zé Escritor: Diogo Bento
Enfermeira: Diogo Lopes
Groupies: André e. Teodósio,
Joana Barrios, Joana Manuel,
Jenny Larrue, Vicente Trindade,
André Garcia e Travis Walker

O BIGODE

Cabeleireiro: Cláudia Jardim
Barbeiro: João Duarte Costa
Zé: José Raposo
Maria: Filipa Cardoso
Telão: João Pedro Vale
e Nuno Alexandre Ferreira

A TROPA E O FANDANGO

Zé Hitler: José Raposo
Restante elenco
Música
Fandango cancionero popular

CORTINADA

Cláudia Jardim

TRÊS F'S

Fátima: Filipa Cardoso
Fado: Joana Manuel
Futebol: Joana Barrios
Música
Fado do 31
da Revista de 1913 *O 31*
Letra: Pereira Coelho;
Música: Alves Coelho
Telão: Pedro Lourenço

FILHOS DA MÃE

República: Cláudia Jardim
Mãe Bem: Diogo Lopes
Mãe Burra: João Duarte Costa
Mãe Desempregada: Diogo Bento
Mãe Desconhecida:
André e. Teodósio
Mãe Emplastro: José Raposo

NÚMERO SÉRIO

Joana Manuel: Joana Manuel
Texto
a partir da intervenção de Joana
Manuel no dia 23 de fevereiro
de 2013 no auditório da Faculdade
de Ciências de Lisboa, no quadro
da Conferência Nacional – *Em
Defesa de um Portugal Soberano
e Desenvolvido.*

LINDA DE SUZA

Linda de Suza: Joana Manuel
Tropas: Restante elenco
Música
Un Portugais
Letra: Buggy / Carrère
Música: Alstone
Telão: Vasco Araújo

NACIONAL ULTRAMARINO

Zeze: Filipa Cardoso
Camarada: Joana Barrios
Meninas Africanas: Diogo Lopes
e Diogo Bento

FALAZAR

Zé: José Raposo
Música
Fado Falado
interpretado por João Villaret
na revista *‘Tá bem ou não ‘tá,*
de 1947; letra e música de Aníbal
Nazaré e Nelson Barros
Versão: Teatro Praga

GALO DE TRÓIA

Compère: André e. Teodósio

FINAL: MARCHA CENTOPEIA

Música
Marcha Centopeia
Letra e música: Sérgio Godinho

ANTES PELO CONTRÁRIO «A GENTE RECAPITULAMOS»

PUBLICADO NO EXPRESSO A 14.03.2014

Daniel Oliveira

Por todo o lado surgem sinais de um certo revivalismo do que é nacional. O fado regressou em força pela voz de jovens que, apesar de alguma reinvenção, não se limitaram e enfiá-lo no supermercado global dos sons exóticos e a vendê-lo no pacote da «marca Portugal». Longe disso, até porque o souvenir de plástico nunca tem sucesso dentro de casa. O mesmo aconteceu com muitas das imagens do passado. Um intelectual de esquerda pode ter andorinhas de loiça nas paredes sem que isso pareça estranho a ninguém. As lojas de Catarina Portas tornaram chique, até interessante, o regresso das imagens que se associavam (com justiça ou preconceito) ao Portugal do Estado Novo. Não faltará muito – não falta mesmo nada – para que o galo de Barcelos seja recuperado. Até nos supermercados voltou a ser de bom tom comprar o que é português. No meio de uma depressão colectiva, renasce a ideia orgulhosa de que «o que é nacional é bom».

Não é a primeira vez que esta revisitação se faz. Houve, nos anos 80, uma certa direita cultural que tentou vencer o cerco em que vivia através de uma nostalgia irreverente (de que os Heróis do Mar ou as maravilhosas crónicas do Miguel Esteves Cardoso foram exemplos) para afirmar a sua própria identidade, seriamente abalada depois do 25 de Abril. Para isto (e até para algumas coisas que trato aqui), remeto para o magnífico texto de António Araújo *A cultura da direita em Portugal*. Independentemente de concordâncias ou discordâncias, deve mesmo ser lido. Mas aquele era, na minha opinião, um movimento de contracultura, claramente minoritário no seu próprio espaço.

Apesar do revivalismo que agora se aflora parecer mais inocente do que o dos anos 80, não me parece, no entanto, que esteja completamente despido de conteúdo ideológico. Ou pelo menos não me parece que estes símbolos fiquem nus de significado depois de regressarem. O que aconteceu, e costuma acontecer muitas vezes, é que eles foram reapropriados num contexto diferente, por pessoas diferentes e ganharam novos sentidos. O que para a elite viajada (ou nem por isso) representava atavismo e isolamento passou a remeter para as raízes culturais de quem não se quer perder num mundo globalizado. Porque para estarmos no mundo temos de ser de algum lado, o cosmopolitismo das elites, e que hoje vai para lá delas, recupera símbolos que, bem ou mal, associa à sua própria identidade. Este revivalismo já não pretende reinventar e relegitimar uma corrente política e cultural em perda. Está, parece-me, em sintonia com um sentimento nacional difuso mas crescente. Um sentimento que uma elite estrangeirada, que sempre foi mais deslumbrada do que cosmopolita, dificilmente compreenderá.

Portugal era um país isolado e, ao mesmo tempo, imperial. Grande na aparência, minúsculo na realidade. Descobriu a liberdade e a democracia e procurou imediatamente a sua «vocação europeia», que o retirasse do canto. Depois de décadas de convergência com a Europa, Portugal, sempre demasiado pequeno para a sua «vocação», sempre a fugir da sua trágica elite, lida hoje com uma brutal crise de identidade que resulta daquilo que parece ser a inexorável divergência que o empurra de novo para a periferia da Europa. Esta crise de identidade ainda só é completamente perceptível no domínio da política. Mas, como acontece sempre, rapidamente se sentirá em tudo o resto. E também na cultura. Nos seus cíclicos movimentos para fora e para dentro, parece-me que Portugal se está a preparar para um período, não de isolamento, mas de introspecção. Revisita as suas memórias e quer, coisa natural, sentir orgulho de si quando o seu orgulho é cada vez mais ofendido e está cada vez mais ferido.

Sentei-me no Teatro Nacional D. Maria II na expectativa de ver uma revista à portuguesa feita por intelectuais. Não sabia se o Teatro Praga me mostraria uma rábula à revista ou uma reinvenção da revista. Fiquei esmagado, porque me mostrou muito mais, mesmo muito mais, do que isso. Juntou uma «Tropa-Fandanga» para «impôr a revista como género teatral (e de vida) universal e o fado como banda sonora do mundo», diz um dos autores, José Maria Vieira Mendes, que reconhece no espectáculo «um pouco do Portugal dos Pequenitos». Para esta guerra contra a desgraça nacional, usando a autoironia que caracteriza o nosso humor, o Teatro Praga escolheu as duas datas redondas que separam as duas guerras que nos fizeram sair daqui e que nos obrigam a olhar para o nosso lugar no mundo e na Europa: os cem anos do início Primeira Guerra Mundial e os 40 do fim da Guerra Colonial. Entre o seguidismo perante as grandes potências europeias e o anacronismo do «orgulhosamente sós», digo eu. Juntou dois mundos que pareciam ser diferentes. As canções de Sérgio Godinho e a voz da fadista Filipa Cardoso, que mais de Alfama não podia ser (apesar de nos oferecer o melhor Zézé Camarinha e a melhor Nossa Senhora de Fátima que se possa imaginar). O humor quase depressivo de André e Teodósio (que com muitos outros escreveu textos de antologia e com José Maria Vieira Mendes e Pedro Penim encenou a peça) e a representação profissionalíssima do revisteiro José Raposo.

Eu disse que misturou dois mundos? Que disparate. Não misturou nada. Na realidade, parece que houve um produtor francês que viu o Teatro Praga e disse-lhes que aquilo era revista à portuguesa. Os jovens intelectuais, muito modernos, foram «estudar a história», como dizem num dos quadros onde mendigam

à Revista para beber do seu leitinho. E fizeram a mais pura das revistas à portuguesa, seguindo todas as regras estatutárias e todos os tiques que se lhe conhecem, da brejeirice ao trocadilho. A única coisa que lhe ofereceram (ou devolveram) foi a «dignidade intelectual» que permite aos preconceituosos rir do que já era bom. Pronto, talvez tenham acrescentado mais níveis de leitura no humor. Mas acima de tudo ressuscitaram a revista. Porquê? Porque ela voltou a ser subversiva, como fora na ditadura, em que a censura obrigava a ser menos explícita. Mais de que puro entretenimento. Sem, no entanto, ceder um milímetro ao pretensiosismo. As dores de barriga a rir estão garantidas para qualquer um.

A *Tropa-Fandanga* representa um Portugal que foi lá fora dar uma volta e regressou. Mais cosmopolita e instruído. Mas, como acontece a quem conhece o mundo, sabendo que poucas são as coisas más (ou boas) que só acontecem no seu país. É sobre o conflito entre o passado e o presente, dum país em eterno retorno aos seus fantasmas e complexos (de inferioridade e de superioridade), que uma «simples» revista à portuguesa trata. E a própria ideia de ressuscitar a revista faz parte deste processo. Pedro Penim resume, com alguma ironia: «Nós não sabemos o que é Portugal nem estamos interessados em responder a essa pergunta. E no entanto, vamos espalhar a palavra: portugalidade.» Quase no fim da peça, André e Teodósio faz a revisão da matéria dada e conta, bem depressa, a história de Portugal, desde o filho que bateu na mãe até ao 25 de Abril. Começa com uma frase, no mau português que, com os regressos permanentes a *reality shows* televisivos, denuncia a ironia orgulhosa de todo este exercício de elogio à «portugalidade»: *A gente recapitulamos*. É isso mesmo que muito provavelmente, na política, na cultura e como país andaremos a fazer nos próximos tempos: a recapitular. Depois do deslumbramento europeu, o regresso a casa. Uns concluirão que tivemos excesso de ambição e quererão regressar à pacatez miserável do passado, ressuscitando o valor do trabalho ordeiro e conformado. Outros quererão viver num país que mudou, mas reencontrando nele o lado subversivo que desmente o mito dos «brandos costumes». Porque, tal como todos os povos, temos as duas coisas: a obediência e a subversão. Se quisermos simplificar, uns sentir-se-ão enternecidos com o paternalismo da *Gaiola Dourada*, outros preferirão a insolência da *Tropa-Fandanga*. Prefiro obviamente o segundo, mas é o mesmo país. O que interessa é anda tudo a recapitular.

Ainda assim, uma coisa é certa: nada do que escrevi aqui é necessário para ver *Tropa-Fandanga*. Depois de uma temporada no D. Maria, estão quase a ir, qual Linda de Suza (devidamente homenageada no espectáculo), com as malas de cartão, para «a França». Depois espero que regressem. É que não podem perder. Mesmo!

O título é retirado de *Tropa-Fandanga*. Que isto agora se não se explica tudo...

Excertos de três de uma série de crônicas de Rui Tavares sobre o início da Primeira Guerra Mundial publicadas no jornal Público entre Julho e Agosto de 2013.

A Pá e as Armas

Uma metade de qualquer guerra podemos sempre encontrar em Tucíclides, na sua História da Guerra do Peloponeso, século V antes de Cristo. Como ele explica no início do livro, os atenienses foram arrastados para uma guerra com Esparta porque quiseram tirar vantagem da inimizade entre Corinto e a Ilha de Córciara. E, num primeiro momento, conseguiram-no. Mas quando o conflito entre os estados-clientes aqueceu, as potências não conseguiram encontrar uma forma de recuar. Uma potência pode ser muito poderosa, mas não ter poder de parar. (...) É que depois há a outra guerra. Sempre nova, que não aparece em Tucíclides. As doutrinas militares repetem sempre a última guerra, a tecnologia inaugura a próxima. Há noventa e nove anos, toda a gente contava com o telégrafo que possibilitava rápidos movimentos de informações, e o comboio que possibilitava rápidos movimentos de tropas. Mas as tecnologias é também uma coisa tão simples como uma pá, que todos os alemães tinham para cavar trincheiras, e os franceses nem por isso. Assim uma guerra que era suposto acabar pelo Natal, perdurou. Nos jornais, em Portugal e nos outros países, a guerra esteve sempre para acabar dali a poucos meses, em 1914, 1915, 1917, 1917. Só tiveram razão no fim de 1918.

Nada é inelutável

(...) [O] ano de 1914 tinha sido até então relativamente calmo no plano internacional. Imaginem agora esta progressão de títulos n'O Século das últimas duas semanas, ou seja, entre 26 de julho e 7 de agosto de 1914. Dia 26 de julho: "O conflito austro-sérvio: na iminência da guerra." Dia 27: "Vai dar-se a conflagração europeia?" Dia 28: "A Europa na expectativa – A guerra começa hoje?"

29: "A Guerra foi declarada: as grandes potências preparam-se para a luta."

31: "A Rússia vai fazer a sua mobilização."

"Em vésperas d'um cataclismo: caminha-se para a carnificina." 1 de Agosto, pela manhã:

"A situação parece melhorar"; pela tarde:

"A situação é melindrosíssima." Dia 2: "A Alemanha declara guerra à Rússia." Dia 3:

"A Alemanha invade a França." Dia 4:

"A guerra entre as grandes potências."

Dia 6: "A Inglaterra entra em ação." Quase

cem anos depois, é ainda difícil entender

como foi acontecer isto. E quanto mais difícil

de entender é, mais importante se torna.

99 anos depois

Nos meses de Julho e Agosto, vez sim, vez não, fui escrevendo sobre o início da I Guerra Mundial. A dificuldade estava em explicar como puderam as grandes potências do tempo, há 99 anos, entrar tão de repente em guerra. A triste ironia é que, ao mesmo tempo em que escrevia, acontecia na Síria algo de muito semelhante à I guerra Mundial. (...) E já agora: a nossa Europa de memória curta deveria lembrar--se dessa história. Pois foi no fim da Grande Guerra, porque os vencedores queriam desmembrar o Império Otomano, que os ingleses ficaram com o Iraque e os franceses com um país chamado Síria. Chamamos a isto Médio Oriente mas, na verdade, é também história europeia

Textos

Pedro Zegre Penim, José Maria Vieira Mendes, André e. Teodósio, Cláudia Jardim, Diogo Bento, Diogo Lopes, Joana Barrios, Joana Manuel e João Duarte Costa

Direção

Pedro Zegre Penim, José Maria Vieira Mendes, e André e. Teodósio

Interpretação

José Raposo, André e. Teodósio, Cláudia Jardim, Diogo Bento, Diogo Lopes, Filipa Cardoso, Joana Barrios, Joana Manuel e João Duarte Costa

Atracção do fado

Filipa Cardoso

Corpo de baile

André Garcia, Jenny Larrue, Travis Walker e Vicente Trindade

Músicos

João Paulo Soares (piano), Vasco Sousa (baixo acústico, viola), Francisco Cardoso (bateria), Ruben da Luz (trombone), Maria João Cunha (acordeão) e Tiago Morna (guitarra portuguesa)

Cenografia

José Capela

Telões

Barbara Says..., João Pedro Vale, Nuno Alexandre Ferreira, Pedro Lourenço e Vasco Araújo

Figurinos

Joana Barrios com trajes do espólio do TNDM II de Flávio Tomé, Cláudia Faria, Jasmim de Matos, Juan Soutullo, Octávio Clérigo, Rafaela Mapril, figurinos da Marcha do Alto do Pina 2013 de Carlos Mendonça

Desenho de luz

Daniel Worm D'Assumpção

Desenho de som

Sérgio Henriques

Operação de som

Pedro Lima

Canções originais

Sérgio Godinho

Orquestrações

João Paulo Soares

Coreografia

João dos Santos Martins

Coordenação props

Susana Pomba

Direção de produção

Elisabete Fragoso

Direção de cena

Catarina Mendes

Assistência de encenação

Cátia Nunes

Comunicação

Mafalda Carvalho

Co-produção

Teatro Praga, Teatro Nacional D. Maria II, Maison de la Culture de Bobigny

Co-Apresentação

Teatro Praga, Teatro Municipal do Porto – Rivoli e Campo Alegre, São Luiz Teatro Municipal

O Teatro Praga é financiado pelo Governo de Portugal – Secretário de Estado da Cultura e a Direção-Geral das Artes, e uma estrutura associada de O Espaço do Tempo



Agradecimentos

Ana Vidigal, Atelier Maria Gonzaga, André Godinho, António MV, Bárbara Falcão Fernandes, Cão Solteiro, Carlos Vargas, Catarina Campino, Carla Ruiz, Constança Couto (Escola de Música do Conservatório Nacional), Culturgest, Equipa do TNDMII, Escola Superior de Dança do Conservatório Nacional, Francisco Vicente, Joana Cotrim, Joana Dilão, João Guimarães (DNA Lisboa), João Mota, José Carlos Nascimento, Jorge Bragada, Jorge Almeida Fernandes, Luísa Taveira, Mafalda Carvalho (DNA Lisboa), Mala Voadora, Marcha do Alto do Pina, Maria João Abreu, Mário Grilo, Miguel Lobo Antunes, Nuno Marcelino, Olinda Gil, Paulo Prata Ramos (Culturgest), Patrícia da Silva, Patrick Sommer, Pedro Carvalho, Red Bull, Rita Graça (Os Filhos de Lumière), Rita Ramos (Ginásio Alto do Pina), Rogério Nuno Costa, Rosário Balbi, Rute Carlos, Selma Nunes, Steve Soer, Thomas Kharel, Teatro Nacional de São Carlos, Vitor Hugo (Ginásio Alto do Pina), Vitor Santos e Vitor Soares;

Agradecimento especial

Irene Flunser Pimentel e Rui Tavares

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

Direção Artística

Aida Tavares

Direção Executiva

Joaquim René

Programação Mais Novos

Susana Duarte

Adjunta Direção Executiva

Margarida Pacheco

Secretariado de Direção

Olga Santos

Direção de Produção

Tiza Gonçalves (Directora)

Susana Duarte (Adjunta)

Andreia Luís

Margarida Sousa Dias

Direção Técnica

Hernâni Saúde (Director)

João Nunes (Adjunto)

Iluminação

Carlos Tiago

Ricardo Campos

Ricardo Joaquim

Sérgio Joaquim

Maquinistas

António Palma

Cláudio Ramos

Paulo Mira

Vasco Ferreira

Som

Nuno Saías

Ricardo Fernandes

Rui Lopes

Secretariado Técnico

Sónia Rosa

Direção de Cena

José Calixto

Maria Távora

Marta Pedroso

Ana Cristina Lucas (Assistente)

Inês Mendes (estagiária)

Direção de Comunicação

Ana Pereira (Directora)

Elsa Barão

Nuno Santos

Tiago Fernandes (estagiário)

Design Gráfico

Silva Designers

Bilheteira

Cidalina Ramos

Hugo Henriques

Soraia Amarelinho

Frente de Casa

Letras e Partituras

Coordenação

Carla Pignatelli

Inês Macedo

Assistentes de Sala

Carolina Serrão

Domingos Teixeira

Filipa Matta

Helena Malaquias

Hernâni Baptista

Inês Garcia

João Cunha

Sara Fernandes

Sara Garcia

Sofia Martins

Carlos Ramos (Assistente)

Segurança

Securitas

Limpeza

Astrolimpa